



**MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CATARINA – UDESC**

**NILSON CORRÊA DAMASCENO**

**VIAGEM NA IMAGEM: Um estudo sobre experiências com leituras de  
imagens/obras na EJA da Escola Estadual Dr. Justo Chermont**

**Belém - Pará  
2016**



**MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CATARINA – UDESC**

**NILSON CORRÊA DAMASCENO**

**ARTIGO DE DEFESA**

**VIAGEM NA IMAGEM: Um estudo sobre experiências com leituras de  
imagens/obras na EJA da Escola Estadual Dr. Justo Chermont**

Artigo e criação de produto didático apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Mestrado Profissional em Artes – PROF-ARTES, da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Ministério da Educação, como requisito para obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valzeli Figueira Sampaio.

Linha de Pesquisa: **Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes.**

**Belém - Pará  
2016**

## **VIAGEM NA IMAGEM: um estudo sobre experiências com leituras de imagens/obras na EJA da Escola Estadual Dr. Justo Chermont<sup>1</sup>**

Nilson Corrêa Damasceno<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este artigo, entre outras questões, aborda experiências vividas nas aulas de Arte/Artes Visuais na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Justo Chermont através de práticas arte-educativas com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do ensino médio. Tem como objetivo analisar experiências com leitura de imagens/obras nas aulas de Artes Visuais como um processo de ensino/aprendizagem que valorize a formação artística, estética e cidadã na EJA da referida escola, com base na utilização das imagens/obras que compõem a maleta Viagem na Imagem. Deste modo, discorre sobre algumas categorias da imagem enfatizando suas inter-relações, evidenciando suas funções primordiais, a saber: linguagem que pode produzir conhecimento em processos educativos e de subjetivação, passando inicialmente pelas reminiscências imagéticas de infância. Na expectativa de reverberar em um processo pedagógico imagético, analítico-interpretativo crítico e cooperativo. A discussão de leitura de imagens/obras foi empreendida através das três temáticas propostas na maleta artístico-didática Viagem na Imagem: Trabalho e Cidadania, Relações Étnico-Raciais e Patrimônio e Memória.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura de imagens/obras. Educação de Jovens e Adultos. Cultura Visual. Experiência.

### **ABSTRACT**

This article, among other issues, discusses experiences in classes about Art/Visual Arts at the State School of Primary and Middle Education Dr. Justo Chermont through art education practices with students of the Youth and Adult Education (YAE) high school. It aims to analyze experiences with reading images/works in visual arts classes as a teaching/learning process that values artistic training, aesthetic and citizen formation in the said school YAE, based on the use of images/works that make up the case Travel in the Image. Thus, discusses some image categories emphasizing their interrelations, showing its main functions, namely: language that can produce knowledge in educational processes and subjectivity, passing initially by imagistic reminiscences of childhood. In anticipation of reverberate in a critical and cooperative analytical and interpretive imagistic pedagogical process. Reading discussion of images/works was undertaken through the three themes proposed in artistic and didactic briefcase Travel in Picture: Work and Citizenship, Racial-Ethnic Relations and Heritage and Memory.

**KEYWORDS:** Reading images/Works. Youth and Adult Education. Visual Culture. Experience.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é produto do curso de mestrado profissional do PROF-ARTES/CAPES da Universidade Federal do Pará (UFPA) em consonância com a Universidade de Santa Catarina (UDESC), no âmbito da linha de pesquisa Abordagens Teórico-metodológicas das Práticas Docentes.

<sup>2</sup> Graduado em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Pará. Especialista em PROEJA-ARTE-AMAZÔNIA pela UFPA, Artista Plástico, Professor de Artes da SEDUC-PA.

## Navegando em preâmbulos imaginativos

“As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos”. (Fernando Pessoa)

É possível se relacionar com a imagem enquanto produto didático? Seria adequado pensar as imagens como contribuição pedagógica? Experiências com leitura de imagens/obras podem promover a formação humana e artística? Esses e outros questionamentos nos levam a refletir sobre as possíveis relações de ensino/aprendizagem em Artes Visuais com as imagens na ambiência escolar e fora dela. Haja vista que as imagens são polissêmicas, múltiplas e multifacetadas, assentando-se nos mais variados contextos e se apresentando sob diversificadas formas, desde as imagens naturais e artificiais ou fixas e móveis que se encontram nas ruas, até as tecnológicas, íntimas e pessoais que se localizam nas casas ou em outros espaços, além das imagens mentais que são precípuas por natureza.

Ao se tratar de imagens de obras de arte, hoje não as encontramos apenas nos museus, podemos encontrá-las nos mais diversos espaços culturais e expositivos, sejam eles em vias públicas ou privadas. Entretanto, essa vasta heterogeneidade visual e mental muitas vezes é pouco notada ou observada apressadamente, ou ainda é notada, mas apenas em termos midiáticos. Não recebendo seu devido valor enquanto produção humana, cultural e simbólica, conseqüentemente não garantindo que seus conteúdos possam ser explorados inclusive didaticamente, ou seja, perde-se uma grande oportunidade de conhecer e experimentar a riqueza produzida pela cultura humana e o mundo em que vivemos, já que essas imagens estão carregadas de sentidos. Portanto, geram conhecimentos que podem ser ensinados.

Com base nisso, este artigo apresenta uma proposta educativa de utilização de imagens, que foi desenvolvida em sala de aula com alunos da EJA<sup>3</sup> da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Justo Chermont<sup>4</sup>, em Belém, e pode ser aplicada com outras turmas, a partir da concepção da imagem como linguagem e como geradora de conhecimentos em processos educativos, destacando suas funções simbólicas que tem na autonomia sua força de

---

<sup>3</sup> Educação de Jovens e Adultos (EJA), Modalidade de Ensino criada através do Parecer 05/97 do Conselho Nacional de Educação, regulamentando a Lei 9.394/96. Destinada a oferecer oportunidade de estudos para aquelas pessoas que não tiveram acesso ao ensino fundamental ou médio na idade regular ou que tiveram este acesso, mas não puderam completá-lo. Constituinte-se em um direito legal do cidadão.

<sup>4</sup> Fundada em 1975, a Escola Dr. Justo Chermont está situada na Trav. Vileta, nº 916, Bairro da Pedreira, no Município de Belém (PA). Funciona com aproximadamente 1.600 alunos distribuídos nos três turnos – manhã, tarde e noite – com o Ensino Fundamental, Médio e EJA. De acordo com seu Projeto Político Pedagógico, tem como propósito buscar a qualidade de ensino, visando uma educação participativa, construtiva, cidadã, numa dinâmica adequada às necessidades sociais, políticas, econômicas e culturais da realidade atual.

expressão, enfatizando, sobretudo o papel da experiência e a principal ferramenta criativa do ser humano, a imaginação como vetor para entendimento imagético, conhecimento sensível e emancipação pessoal.

Diante dessa complexidade da imagem, foi percebida a necessidade de possibilitar um diálogo e uma interação significativa do aluno da EJA com as imagens/obras<sup>5</sup> nas aulas de Artes Visuais. Para isso, levanto a seguinte situação-problema: Como as experiências com leitura de imagens/obras nas aulas de Artes Visuais podem reverberar em um processo de ensino/aprendizagem que promova o desenvolvimento cognitivo, perceptivo e afetivo dos alunos da Educação de Jovens e Adultos? Assim, este artigo tem o objetivo de analisar experiências com leitura de imagens/obras nas aulas de Artes Visuais como um processo de ensino/aprendizagem que valorize a formação artística, estética e cidadã na Educação de Jovens e Adultos da Escola Estadual Dr. Justo Chermont.

Meu objeto de estudo focaliza algumas experiências com leitura de imagens/obras a partir da utilização da maleta propositiva Viagem na Imagem e de outras vivências, na perspectiva de enriquecer o desenvolvimento artístico, estético e cidadão na Educação de Jovens e Adultos da Escola Estadual Dr. Justo Chermont do turno da noite. Penso que através da leitura interpretativa, crítica e sistematizada de obras de arte ou de outras imagens, sejam elas em pranchas (reproduções fotográficas) ou projeções (reproduções em *data show*) ou especialmente obras originais, pode-se iniciar um processo de desconstrução, análise e reconstrução visual, perceptiva, afetiva e cognitiva.

Para continuar essa navegação pelos igarapés e rios do conhecimento imagético, optei por mencionar duas bússolas, uma de alfabetismo visual crítico e outra de leitura de imagens<sup>6</sup>, sendo que meu enfoque será dado a esta segunda, embora a primeira atravesse todo o processo. Dentro do paradigma hermenêutico moderno e fenomenológico no contexto da cultura visual fui rastreando alguns possíveis caminhos para buscar esse entendimento do fenômeno imagético no oceano da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e encontrei doze obras – entre artigos, monografias e dissertações – que fazem uma abordagem arte-educativa para a contemporaneidade na perspectiva da visualidade.

---

<sup>5</sup> Para essas ações, por se tratar de pranchas com reproduções de obras de arte, preferi denominar de imagens/obras, pois demonstra seu caráter fotográfico (reprodutivo) sem perder de vista seu valor artístico.

<sup>6</sup> Embora existam diferentes metodologias para leitura de imagens, aqui utilizarei o termo que Buoro adotou na obra “Olhos que pintam”, por entender que dessa forma o aluno passa a ser visto como sujeito ativo, como leitor e produtor de imagens nesse processo, destacando que “A leitura de imagens partirá da premissa de que arte é linguagem, construção humana que comunica ideias, e o objeto arte será considerado, portanto, como texto visual.” (BUORO, 2003, p. 30).

Para nos ajudar nesta viagem, encontrei os tripulantes que já se aventuraram nos mares da alfabetização visual, leitura de imagens e educação estética na EJA para compor o Estado da Arte: Álvaro Júnior (2009) com o artigo *Alfabetização Visual em EJA*; Maria Aparecida Camargo (2012) com o trabalho *Alfabetização imagética: uma forma de construção da própria cidadania*; e Sonia Carbonell (2010) com a obra *Educação Estética para Jovens e Adultos*, os quais discutem a relevância de uma alfabetização visual contextualizada, que torne os alunos adultos e jovens capazes de não apenas ler e entender imagens, mas, sobretudo avaliar e criticar o que se lê, dentro de uma perspectiva de leitura de mundo e de educação estética, objetivando à cidadania. Percebendo-se, dessa forma, como agentes desse processo.

Para este estado da arte, não poderia deixar de registrar também a dissertação de mestrado de Milca Viola, defendida na UNESP em 2006, em São Paulo, a qual tem como título *Ler, Dizer, Produzir Sentido: jovens e adultos construindo significados diante da leitura de imagens*, e que se assemelha aos meus objetivos de pesquisa, pois discorre sobre os processos de leitura crítica de imagens para os estudantes da EJA nos diferentes meios e suportes, buscando compreender como esses estudantes realizam essas leituras, e, sobretudo, como as interpretam dentro do contexto da sala de aula, em situações de ensino da Arte. Ressaltando que, por se tratar de professora-pesquisadora e de pesquisa-ação, as metodologias de pesquisa e de ensino foram fundidas e distanciadas alternadamente.

No artigo de Álvaro Júnior, percebemos seu interesse em discutir as diferentes formas de leitura de imagens na EJA, ressaltando a necessidade de uma alfabetização visual para esse público que contemple a leitura crítica e contextualizada da imagem, para que se possa alcançar também uma leitura analítico-reflexiva de mundo e uma percepção mais apurada de si mesmo. Enquanto Maria Aparecida, em sua pesquisa, se detém a investigar os desdobramentos de leitura de imagem e da alfabetização visual na EJA visando à conquista da cidadania, por meio das interpretações de mensagens e decodificação dos signos visuais.

Já no trabalho de Sonia Carbonell, a autora analisa como professora e pesquisadora, as transformações no olhar dos alunos da EJA em uma escola particular do estado de São Paulo, a partir da Educação Estética durante suas passagens nessa escola. A Educação Estética é tratada como Educação do Olhar, sendo enfatizado, sobretudo, a necessidade dessa educação artística e estética para esse alunado. Entretanto, nestes estudos a compreensão de estética é revelada na sua amplitude, relacionando-se a todas as áreas do conhecimento humano. Dessa maneira, os trabalhos mencionados podem contribuir consideravelmente para o estudo em foco, já que são os que mais se aproximam do meu objeto de pesquisa. Indo para além da leitura da imagem, enfatizando as experiências que envolveram tais leituras.

Quem também foi convidado a embarcar nessa viagem, na condição de tripulantes especiais para ajudar na condução do timão dessa embarcação, por suas contribuições epistemológicas, foram os ilustres mergulhadores que formaram meu referencial teórico e me acompanharam nesta jornada: John Dewey (2010), Paulo Freire (2013), Fernando Hernández (2007), Humberto Maturana (2002), Sônia Carbonell (2010), Martine Joly (2007), Lúcia Santaella (2012), Gaston Bachelard (1996), Ana Amélia Buoro (2003), Ana Mae Barbosa (1995; 1998; 2010), entre outros que irão dialogar com meu objeto. Destacando as implicações para as práticas educativas que se realizam nas turmas de EJA, enfatizando que ensinar exige: respeito ao saber dos educandos, ressignificação do conhecimento e do aprendizado, contextualização, dialogismo e criticidade. Este estudo, embora enfoque a imagem e seus signos, está assentado em uma abordagem epistemológica fenomenológica e qualitativa. Já que “a fenomenologia é uma atitude de reflexão do fenômeno que se mostra para nós na relação que estabelecemos com os outros, no mundo.” (POKLADÉKL, 2015, p. 1), especialmente, a priori, através dos sentidos. Merleau-Ponty (1999, p. 1) reitera ainda que a fenomenologia “É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é.” Portanto, possibilita uma abertura para processos dialógicos e dialéticos voltados a idiossincrasia dos envolvidos.

É importante frisar que para Joly, “a abordagem teórica da semiótica permite não apenas reconciliar usos da palavra imagem, mas também abordar a complexidade da sua natureza, entre imitação, sinal e convenção.” (2007, p. 10-11). No entanto, ainda que a teoria dos signos seja a abordagem mais globalizante para análise dos sistemas de comunicação presentes em uma sociedade, abrangendo consequentemente todas as imagens; para este trabalho optei por uma abordagem mais pautada na fenomenologia com focos na etnopesquisa, por compreendê-las como estudos que possibilitam experiências mais amplas envolvendo a questão do afeto e da imaginação, privilegiando a intuição e a percepção. Além de trazer “[...] a voz do ator social para o *corpus* empírico analisado e para a própria composição conclusiva do estudo [...]” (MACEDO, 2010, p. 10). Conceitos esses muito caros para mim por considerar a idiossincrasia de cada indivíduo da EJA, a leitura imaginativa, crítica e livre desses estudantes e seus interstícios, relacionando-os com suas experiências pessoais e coletivas.

Para tanto, inicio com um caleidoscópio impregnado de memória afetiva e imagética percorrendo sobre o início de meu vínculo com a leitura e produção da imagem na infância no tópico “Experiências primárias”, no qual também reflito sobre a imagem como linguagem e comunicação de ideias, desejos e sentimentos a partir das leituras e devaneios da infância. Em seguida, falo sobre a imagem como geradora de conhecimento e expressão no tópico “Experiências educacionais”, fazendo ponderações sobre a relação das experiências com

leituras de imagens em sala de aula e com a cultura visual, abordando também a legislação da EJA, o perfil do estudante da EJA, observando e valorizando a fala desses estudantes, seus interesses educacionais em consonância com minhas proposições e com os exercícios para leitura e interpretação de imagens/obras.

E para concluir, no ponto “Experienciando imagens”, discorro sobre experiências da imagem como instrumento artístico-didático, apresento a maleta criada como produto pedagógico para ser utilizada por professores e alunos, e alguns resultados a partir da análise dos dados coletados com a aplicação dessa maleta com suas pranchas imagéticas educativas e objetos lúdicos que evoquem a imagem. Teço também algumas reflexões sobre as falas expressadas por pessoas que construíram significados diante da leitura dessas imagens/obras repletas de conteúdos, no caso os estudantes da EJA. A referida maleta foi intitulada Viagem na Imagem, por transitar entre o campo das imagens e das experiências fazendo atravessamentos socioculturais e direcionando o acesso às imagens/obras pelos alunos, potencializando a construção de novas imagens com base em três temáticas propostas: Trabalho e Cidadania; Relações Étnico-Raciais; e Patrimônio e Memória.

### **Experiências primárias**

Navegando pelos rios e igarapés que entrecortam minha memória, me deparei com algumas imagens do momento de minha infância que trouxeram à tona lembranças e vivências de uma criança que adorava desenhar, pintar, criar e se expressar de maneira incomum. E pelas imagens começou a ver e tentar entender o seu pequeno mundo, destaco aqui minhas primeiras experiências com leituras e produções de imagens.

Nessas reminiscências, lembro que pela minha família fui estimulado a me comunicar quase que exclusivamente por meio de imagens, usando a figura do desenho. Tudo começou em um lugarejo pacato do interior do estado do Pará, chamado Igarapé-Miri, situado às margens do rio Tocantins, no nordeste paraense, a 78 km da Capital, local interiorano por suas raízes com um clima aprazível que analogicamente remetia às paradisíacas ilhas quase desertas no sentido demográfico, com escassez de gente por conta da pequena população, porém com exuberância e excesso de belezas naturais, nas quais se destacavam: revoadas de pássaros de várias espécies e cores, igarapés de águas correntes, escuras e refrescantes, palmeiras seculares e verdejantes canaviais, além de outras riquezas da nossa rica e, até então, pouco explorada flora e fauna amazônica.



Essas vivências significativas podem ser consideradas formas privilegiadas de experiências. Segundo Dewey (2010, p. 109), “A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver.” Para este autor, nem todas as experiências vividas são exitosas, sendo por vezes incipientes. Ele pontua ainda que “Em contraste com essa experiência, temos uma experiência *singular* quando o material vivenciado faz o percurso até sua consecução.” (Idem, p. 109).

Por conta de minha irrefutável condição pueril e conseqüentemente pela pouca percepção de questões externas nessa fase, não pude nem me dei conta de registrar graficamente essas belezas naturais por meio de desenhos ou de outra forma, no entanto essas experiências se tornaram férteis e abundantes imagens mentais, registradas claramente em minha memória e me acompanhando até os dias atuais. Afinal, “não há percepção que não seja impregnada de lembranças.” (JEAN-YVES; MARC TADIÉ apud SALLES, 2006, p. 68). Outrossim, “nossas experiências de vida alimentam nosso trabalho intelectual.” (MILLS, 2009, p. 26). Além disso, essas experiências foram consumadas, pois me conduziram a um fim, conforme mencionarei mais adiante. Vale lembrar que para ocorrer a consumação é necessário um início, um meio e um fim; se configurando como um todo que se realiza, se cumpre e se conclui, sendo contínua. Enquanto a cessação é algo interrompido, suspenso e não há continuidade (DEWEY, 2010).

Portanto, essas memórias e leituras de infância, são experiências aqui tratadas como instrumentos ativadores de processos criativos, construções subjetivas e comunicativas, fazendo uma retrospectiva do sentir e do olhar infantil, resgatando estímulos visuais e mentais dessa importante fase da vida, que é muito propícia para pensar em criação. Pois “diferentes ângulos de observação do movimento criador nos oferecem uma ampliação de sua compreensão e, conseqüentemente, uma aproximação maior de sua complexidade” (SALLES, 1998, p. 87).

Para Joly (2007, p. 20):

A imagem mental corresponde à impressão que temos quando, por exemplo, lemos ou ouvimos a descrição de um lugar, a impressão de o ver quase como se lá estivéssemos. Uma representação mental é elaborada de um modo quase alucinatório e parece pedir emprestadas as suas características à visão. Vê-se.

No caso de minhas lembranças afetivas da infância, que remetem imediatamente a imagens mentais, elas estão vivas e acentuadas agora que parecem serem vistas concretamente.

Visto que:

A partir do momento em que a imagem adquire uma certa nitidez em minha mente, ponho-me a desenvolvê-la numa história, ou melhor, são as próprias imagens que desenvolvem suas potencialidades implícitas, o conto que trazem dentro de si. Em torno de cada imagem escondem-se outras, forma-se um campo de analogias, simetrias e contraposições. Na organização desse material, que não é apenas visivo

mas igualmente conceitual, chega o momento em que intervém minha intenção de ordenar e dar um sentido ao desenrolar da história. (CALVINO, 1990, p. 104).

Assim, lembro que em momentos de despedida para exercer suas atividades profissionais, com algumas linhas finas, retas e curvas de meu lápis grafite e alguns lápis coloridos, em uma folha de papel sulfite desenhava meu pai, com um largo sorriso de satisfação e alegria carregando o que seria um pedido correspondido de um filho à espera de seu regresso: com um pacote de leite em uma das mãos e na outra um punhado de doces como quem carrega grandes preciosidades, e ao lado da imagem de meu pai, quase que absorto eu me autorrepresentava radiante de alegria e com um brilho especial nos olhos, pequeno na estatura, porém gigante na emoção à espera do retorno de meu pai e dos desejos prenunciados por meio do desenho. Em meio aos sonhos e fantasias da infância, eu percebo agora a beleza e a expressividade dessas experiências, conforme aponta Bachelard (1996, p. 97):

Ao sonhar com a infância, regressamos à morada dos devaneios, aos devaneios que nos abriram o mundo. É esse devaneio que nos faz primeiro habitante do mundo da solidão. E habitamos melhor o mundo quando o habitamos como a criança solitária habita as imagens. Nos devaneios da criança, a imagem prevalece acima de tudo. As experiências só vêm depois.

Segundo Dewey (2010, p. 142), “Toda experiência, seja ela de importância ínfima ou enorme, começa com uma impulsão, e não como uma impulsão.” Portanto, essas experiências que tive com a contribuição de meu pai representam o estágio inicial para a concretização de experiências mais completas, já que se configuram como permanentes interações com o meio. Ainda sobre a inegável contribuição de meu pai a me impelir no universo imagético, lembro que depois de tanto tempo longe da família, juntamente com a surpresa do reencontro e o entusiasmo de receber os doces que foram trazidos a mim por meio de um pedido desenhado, carregado de emoções, que expressava e comunicava meus desejos através de desenhos – eis o vaticínio.

A sutileza e ao mesmo tempo veemência dos gestos – de despedida e reencontro mediados por imagens se tornara o mais puro e nobre carinho, gratidão e amor de pai para filho, que naquele momento se enaltecia, celebrando a vida e seus laços familiares, se tornando assim prenúncio do que viria a ser uma de minhas grandes paixões e minha futura profissão, a saber, trabalhar com imagens sendo professor de Artes Visuais. Portanto, no período de minha infância as imagens por mim desenhadas assumiam a função de fala, entendimento e código, comunicando e transmitindo meus pensamentos e desejos através de mensagens visuais. Demonstrando nesse sentido, “que a imagem é realmente uma linguagem, uma linguagem específica e heterogênea.” (JOLY, 2007, p. 53). Além disso, “toda imagem, no domínio das

representações visuais, apresenta múltiplas camadas: subjetivas, sociais, estéticas, antropológicas e tecnológicas.” (SANTAELLA, 2012, p. 21), possibilitando com isso, que a imagem se configure como canal comunicativo, perceptivo, afetivo e linguístico.

Dessa maneira, Joly evidencia também um dos papéis precípuos da imagem, valorizar e despertar a imaginação, ressaltando:

Que uma imagem é uma produção consciente e inconsciente de um sujeito, isso é um fato; que constitui seguidamente uma obra concreta e perceptível, também o é; que a leitura desta obra a faça viver e perpetuar-se; que mobiliza tanto o consciente como o inconsciente de um leitor ou espectador, é inevitável. Há com efeito bem poucas hipóteses de que estes três momentos da vida de uma obra, qualquer que ela seja, coincidam. (JOLY, 2007, p. 48).

Logo, esses diferentes momentos repletos de imagens produzidas conscientes e inconscientemente, ainda que não coincidam; comunicam e expressam ideias, desejos e pensamentos. Portanto, são linguagens que se constituem em códigos visuais passíveis de serem ensinados e aprendidos. Promovendo dessa maneira o desenvolvimento afetivo e interpessoal, pois como enuncia Maturana (2002, p. 19-20), “A linguagem está relacionada com coordenações de ação, mas não com qualquer coordenação de ação, apenas com coordenação de ações consensuais.” Ou seja, existia um consenso coordenado e embalado pela emoção entre o que meu pai perguntava e o que eu respondia para ele com desenho.

### **Experiências educacionais**

Para um pesquisador-educador de Artes Visuais ávido por descobertas, experiências e mudanças, o movimento de permanente busca pelo conhecimento através de imagens ou por outro meio, se assemelha ao movimento das águas correntes, que não para nunca, mesmo tendo algum obstáculo à frente, essas águas se desviam buscando outros movimentos e outros cursos. Assim me reconheço, diante do movimento das águas dos rios e igarapés de minhas experiências como professor de Arte/Artes Visuais, com o intuito de mergulhá-las, refletir sobre sua complexidade e tentar enxergar para além do convencional. Desvelando ainda, chegar a algum lugar que não se sabe ao certo onde vai dar, porém desejoso por transformações.

Atentando, sobretudo com ponderação para o desfoque do olhar, pois é neste ponto que se abre a possibilidade de enxergar diferente, observando com acuidade para o embaçamento da vista nesses mergulhos, uma vez que sendo esta uma reação natural da visão durante o ato de mergulhar, ao contrário do que muitos pensam, pode trazer contribuições significativas para

a percepção de novas imagens, podendo revelar diferentes possibilidades de ensino/aprendizagem, desvelando olhares e alhures outros; já que as potencialidades arte-educativas especialmente podem estar onde não se costuma olhar, onde não está cristalizado, definido ou delimitado. Destacando seu aspecto puro, de exceção e não de regra. Por sua vez, provocando estranhamentos, mas sempre com a contingência de novas descobertas.

Sendo assim, em momentos posteriores, espantos e estranhamentos foram percebidos durante a realização das aulas e na demonstração da maleta com as imagens/obras e os produtos, frases como “Professor, o senhor trouxe um museu pra dentro da sala de aula!”; “Tive a sensação de voltar à infância”; “A impressão que fica é de curiosidade” e “Que interessante e criativo!”. Foram comuns entre os estudantes surpreendidos, agora com o olhar aguçado.

Para me acompanhar nesta aventura ribeirinha de descobertas e inquietações, convido os estudantes, pais, mães, filhos, trabalhadores, desempregados, cidadãos da 1ª etapa do ensino médio da Educação de Jovens e Adultos, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Justo Chermont, do turno da noite, a se integrarem a bordo. Estudantes esses pelos quais tenho grande apreço por seus históricos de vida e suas lutas para retornarem ou se manterem nos estudos. Meu primeiro contato com alunos dessa modalidade de ensino se deu durante a graduação, no entanto nesse momento descobri que antes mesmo da graduação já me identificava com muitas dessas pessoas por questões de similitudes. A memória foi muito importante para me projetar para esse lugar, esse território que hoje estou pesquisando, arriscando borrar as fronteiras entre as experiências de leitura de imagens e a EJA. Nessas elucubrações, lembro que passei por situações semelhantes às de alguns desses estudantes, tendo que interromper, por um determinado período, meus sonhos e objetivos educacionais ao término do antigo 2º grau para trabalhar e sustentar minha família, até conseguir possibilidades concretas de retornar aos estudos e dar prosseguimento aos meus objetivos e sonhos.

Após a conclusão da graduação, comecei a mergulhar mais profundamente nos rios da EJA, na busca de melhor compreender essas relações e interações que já venho desenvolvendo há alguns anos, utilizando a leitura de imagem como foco central para falar de Artes Visuais na EJA, com a flexibilidade e levando em conta as especificidades que esse segmento de ensino requer. Assim, destaco o depoimento, com base na abordagem metodológica da etnopesquisa, de uma aluna da EJA do ensino médio, segundo Macedo (2010, p. 9), “a etnopesquisa direciona seu interesse para compreender as ordens socioculturais em organização, constituídas por sujeitos intersubjetivamente edificadas e edificantes, em meio a uma bacia semântica culturalmente mediada”. Ladi Siqueira, 46 anos, vendedora autônoma, discorre sobre a

relevância dos estudos na sua vida, apontando também para o que esperava da educação formal e artística:

O estudo representa tudo, o conhecimento, as pessoas passam a nos respeitar, então é uma forma de adquirir respeito também, quando voltei a estudar buscava mais conhecimento, e na verdade consegui, o primeiro Enem que fiz tirei 4.0 em redação, já o último consegui tirar 6.0 sendo que quase 700 mil estudantes zeraram a redação. A arte foi fundamental, eu já adorava arte, e depois passei a conhecer melhor, agora adoro mais ainda. A arte nos faz parar para pensar e assim passamos a ver as coisas com mais atenção, ao ponto de vermos beleza e outros sentimentos, que olhando de outro ângulo não se consegue enxergar.

Já outro aluno, Edvaldo Silva, 28 anos, comerciante, reforça a importância dos estudos para o resgate da autoestima e da valorização da arte como conhecimento, além de enfatizar seu desejo de ingressar no mercado de trabalho com reconhecimento profissional:

O estudo representa um futuro melhor, mudança, crescimento... eu fiquei cinco anos sem estudar, e através dele consegui um emprego melhor... claro que ainda espero mais e por isso continuo. Mas me sinto mais feliz agora. Em relação a arte sempre gostei, com ela você consegue entender a vida e enxergá-la de vários ângulos, sem falar no leque que ela tem a nos oferecer em cultura, sentimento, história, aprendizado, etc.

Assim, as falas desses estudantes direcionam para seus principais interesses enquanto navegantes/mergulhadores dos mares do conhecimento, ora em águas tranquilas, ora em águas agitadas. Ora remetendo às memórias afetivas, ora às memórias sociais. Todavia, suas experiências são carregadas de subjetividades e saberes interconectados. Quanto aos conhecimentos artísticos, deixam transparecer a importância da visualidade para o cotidiano e para a construção de novos saberes. Deste modo, reitero que “a cultura visual pode ser entendida como um objeto aproximado a reflexão crítica, constituído de tudo o que pode ser visto ou sentido, ou que seja comunicado por meio de visualidades.” (LAMPERT, 2010, p. 444). Por conseguinte, a cultura visual se legitima como forma privilegiada de inserção e investigação no processo educacional.

Ratificando a importância da cultura visual em consonância com o Ensino da Arte na escola, Barbosa (2010, p. 22) afirma que “Arte e Cultura Visual devem conviver nos currículos e salas de aulas, suas imagens devam ser analisadas com o mesmo rigor crítico para combatermos formas colonizadoras da mente e dos comportamentos.” Assim, o Ensino da Arte pautado nessas premissas pode enriquecer e valorizar o saber dos educandos, pois leva em consideração o campo ampliado da cultura visual, que abrange desde a produção e recepção de imagens com um caráter reflexivo e estético, até os parâmetros relacionados à visualidade da vida cotidiana dos alunos. Ou seja, devendo partir “do que seja real para a construção de

repertórios e imaginários visuais para a produção de sentido do sujeito contemporâneo.” (LAMPERT, 2010, p. 445). E dessa forma podendo alcançar tais fins.

Portanto, neste tópico busco demonstrar também os fundamentos do processo de ensino/aprendizagem em Artes Visuais que costumo eleger para minha atuação como docente da rede pública estadual de ensino do Pará a qual pertença, especialmente com os alunos da EJA de nível médio, os quais se constituem a maioria do meu alunado. Partindo de um planejamento que contemple a educação para a cultura visual, os interesses desses estudantes e as contribuições que o ensino das Artes Visuais pode propiciar a eles, tais como: desenvolvimento do repertório estético-cultural, do potencial cognitivo, perceptivo e afetivo. Pois conforme esclarece Dewey (2010, p. 145):

O eu, quer tenha êxito, quer falhe, não faz apenas restabelecer-se em seu estado anterior. O ímpeto cego é transformado em um propósito; as tendências instintivas convertem-se em empenhos planejados. As atitudes do eu são impregnadas de sentido.

É importante lembrar que para a disciplina escolar Arte/Artes Visuais ou qualquer outra na EJA, o Parecer nº. 11/2000 e a Resolução nº. 01/2000, ambos da Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação (CNE), ao regulamentarem a Educação de Jovens e Adultos, deixam claro que é necessário um cuidado maior no processo ensino/aprendizagem, já que é uma categoria com finalidades e funções específicas, devendo ser pensada como um modelo pedagógico próprio, a fim de criar situações e satisfazer necessidades de aprendizagens desses alunos.

Os estudos da cultura visual se apresentam como um forte instrumento político e de crítica social (HERNÁNDEZ, 2007), daí sua relevância em ser contemplado em diferentes projetos educativos e especialmente na EJA. Haja vista que para Freire (2013), nenhum projeto educativo é neutro, para este autor não existe neutralidade no processo ensino/aprendizagem e um projeto educativo com viés político e ideológico comprometido com uma educação libertadora e democrática deve ser prioritariamente considerado.

É importante ressaltar que o perfil diferenciado desse segmento de ensino requer um ensino artístico preocupado em inseri-lo no contexto da cultura visual, visto que para Hernández (2007, p. 25), “Em um mundo dominado por dispositivos visuais e tecnologias da representação (as artes visuais atuam como tais), nossa finalidade educativa deveria ser a de facilitar experiências reflexivas críticas.” Portanto, penso que os estudantes devem aprender vendo, exercitando a percepção visual para compreensão, fruição e reflexão do mundo. Além de sensibilizá-los quanto aos aspectos fundamentais de articulação, interação e compreensão do mundo contemporâneo, no caso em questão por meio da imagem. Sempre levando em

consideração a experiência vivida dos estudantes e, reiterando o Parecer nº. 11/2000, quando esta for adequada aos conteúdos estudados, poderão atribuir créditos a ela, desde que repassada por uma avaliação.

Nesse sentido, a disciplina de Arte/Artes Visuais, com o seu potencial de abranger diversos conteúdos e possibilitar o desenvolvimento intelectual, perceptivo e afetivo, deve fazer seu papel de desempenhar todos os esforços possíveis para que os alunos nela envolvidos possam ter uma educação de qualidade, consistente, e, sobretudo, que faça sentido em suas vidas. Visto que “o conhecimento da arte no mundo contemporâneo é imprescindível para sentirmo-nos protagonistas de nossa própria existência, para aproximarmos-nos de nossa humanidade.” (CARBONELL, 2010, p. 42).

Sabemos que por meio de um ensino artístico comprometido e responsável se pode desenvolver o repertório artístico-cultural dos alunos com um juízo estético compatível com o aprendizado e possibilitar o exercício da cidadania por meio de ações conjuntas com os aspectos múltiplos da cultura, permitindo a ampliação de suas participações sociais. Assim, o ser humano consegue ampliar sua percepção de mundo, interagindo e compreendendo melhor a sociedade em que vive, tornando-se, dessa forma, um cidadão crítico e atuante.

Entretanto, em se tratando de um público diferente que, às vezes, sente vergonha de nunca ter estudado, ou ter parado de estudar há muitos anos, e com receio do inexplorado e do desconhecido, no caso adultos e jovens que estavam afastados dos estudos, por conta de diversos fatores; será que os saberes produzidos na dinâmica de ensinar-aprender Artes Visuais refletem as expectativas dessa clientela? Para refletirmos sobre essa situação, procurarei evidenciar ainda mais as contribuições que o Ensino de Artes Visuais pode propiciar aos alunos da EJA na relação teoria/prática.

As classes de educação de jovens e adultos constituem-se em uma clientela escolar bastante diversificada, heterogênea e extremamente diferenciada. Isto porque são compostas por alunos de faixas etárias e situações sociais distintas entre si em uma mesma sala, que na maioria das vezes pararam seus estudos precocemente ou o iniciaram tardiamente, ou ainda, não o concluíram no momento escolar hábil. Segundo relato dos próprios estudantes, por diversos motivos, entre eles a falta de oportunidades, o ingresso no mercado de trabalho muito cedo ou a necessidade de ajudar os pais nas tarefas domésticas, entre outros.

O perfil deste aluno é tipicamente correspondente ao da classe social menos favorecida economicamente que, por conta da diferença de idade, do atraso nos estudos, da necessidade de trabalhar e principalmente do tempo perdido fora da escola, o que ocasiona sua exclusão social, ele já chega, muitas vezes, com a autoestima abalada. Assim, é necessário um conjunto de ações

entre a escola, professores e alunos no intuito do resgate da autoestima, no estímulo e permanência deste aluno em sala com aulas dinâmicas e estimulantes, identificando o valor e a utilidade do estudo em sua vida por meio de atividades ligadas ao seu cotidiano, para que haja a conclusão do ensino de forma satisfatória e com qualidade. Sem esquecer, entretanto, de levar em conta a experiência de vida deste aluno que pode ser ressignificada ou consumada, e em função de ter parado os estudos para trabalhar ou por outro fim, acredita-se que adquiriu alguns saberes empíricos não sistematizados, certamente poderão ser aplicados às disciplinas com especial atenção quanto ao processo ensino/aprendizagem.

Devemos lembrar que professores e alunos são sujeitos do ato de aprender e de produzir conhecimento no confronto com a realidade, ou seja, mostrando que a aula é um momento de troca entre todos. Em Artes Visuais trabalhar esses aspectos se torna mais interessante e ao mesmo tempo um desafio. Interessante no sentido de possibilitar a ampliação dos horizontes artístico-estéticos de estudantes tão especiais, com posturas tão dignas de retornar aos estudos e de resgatar o tempo perdido fora da escola, embora enfrentem as mais diversas dificuldades, resistem para tentar concluir seus estudos. E assim, competir no mercado de trabalho, melhorar suas condições de vida, resgatar sua autoestima.

Vale lembrar que uma considerável parcela de alunos que se matriculam em turmas da EJA está preocupada principalmente com a conclusão dos estudos e com a aquisição de um diploma, e não percebem, entretanto, que se ao ingressarem nas referidas turmas, tiverem um bom aproveitamento escolar, não evadirem e chegarem até o final, adquirem muito mais do que isso. Conquistam efetivamente o direito à educação e à cidadania. No âmbito da disciplina escolar Arte/Artes Visuais, Barbosa (1998, p. 16) afirma que:

Através das artes temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social, seu modo de vida, seu sistema de valores, suas tradições e crenças [...]. Dentre as artes, a arte visual, tendo a imagem como matéria-prima, torna possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos [...].

Para Freire (2013, p. 121), “Uma das tarefas essenciais da escola, como centro de produção sistemática de conhecimento, é trabalhar criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos e a sua comunicabilidade.” E o contexto da cultura visual em consonância com a leitura, fruição, produção e reflexão de imagens/obras pode assegurar esse aprendizado.

De fato, quando esses estudantes se permitirem mergulhar efetivamente, sem sentirem-se obrigados, no universo das Artes Visuais e da educação para a cultura visual, passando a entendê-los como capazes de desenvolver processos que ampliam a inteligência e a dimensão de humanidade na medida em que possibilitam o desenvolvimento da percepção, sensibilização



e cognição; eles podem avançar em diferentes aspectos da vida, passando a se entender como cidadãos que têm um lugar na sociedade e que devem ocupá-lo.

No entanto, os saberes adquiridos nas aulas de Arte só fazem sentido ao aluno quando estão em consonância com o projeto pedagógico da escola, isto é, com os objetivos mais amplos que capacitam o adulto a dominar novas tecnologias, a trabalhar em equipe, a expressar-se com segurança na língua materna, a desenvolver seu espírito crítico e sua consciência cidadã. (CARBONELL, 2010, p. 45).

No caso desses objetivos serem alcançados, os estudantes da EJA podem adquirir novas posturas em relação ao seu estar e conviver no mundo, pensando em não parar mais os estudos, dando continuidade até entrar em uma faculdade e, depois, reingressar no mercado de trabalho com novas perspectivas. Dessa forma, é mostrado aos alunos que o estudo faz a diferença no seu cotidiano e o Ensino das Artes Visuais vai conquistando cada vez mais espaço, reconhecimento e adeptos, demonstrando também que se aprende e se apreende por meio de imagens.

Buoro (2003, p. 35) reitera a importância do aprendizado escolar com imagens, revelando que “Imagens impõem presenças que não podem persistir ignoradas ou subestimadas em sua potencialidade comunicativa por editores e educadores, mas que ao contrário, devem ser devidamente exploradas e lidas, o que implicaria ganho evidente para o processo educacional.” Desta maneira, os estudantes poderiam usufruir dos benefícios educativos e socioculturais que as imagens podem proporcionar quando esse aprendizado se dá naturalmente, com seriedade e comprometimento. Para adultos e jovens esse aprendizado com imagens deve abranger também questões relacionadas à profissionalização, tais como o ingresso ou a ascensão no mercado de trabalho.

A busca pela profissionalização tem sido uma constante na vida dos estudantes da EJA, talvez o ensino da Arte possa direcioná-los ou mesmo capacitá-los para que as habilidades artísticas desenvolvidas e apreendidas possam se converter em profissionalização. Embora muitas pessoas tenham certa dificuldade em compreender o fenômeno artístico como profissão e necessidade social, conforme elucida Ostrower (1991, p. 20):

Em nossa sociedade, a posição diante do fenômeno artístico é, no mínimo, ambivalente, quando não bastante contraditória. Por um lado reconhece-se a obra de arte, produto do fazer artístico, como algo valioso em termos financeiros; por outro, o fazer artístico em si é considerado inútil, mera diversão ou lazer, terapia talvez, mas nunca trabalho, no sentido de uma produtividade responsável e engajada e, menos ainda, no sentido da realização de uma necessidade social.

Esta tem sido uma marca da história da nossa civilização, dicotomizar, pensar cartesianamente e atribuir especial valor àqueles que dominam as chamadas “habilidades

produtivas” para o mercado de trabalho. E a escrita com a leitura estão nesse rol em detrimento de habilidades manuais e/ou artísticas. Vale ressaltar que a leitura deve ser entendida em seu sentido amplo, destacando que o ato de ler não se relaciona apenas aos códigos linguísticos, como as letras do alfabeto. Mas principalmente com a leitura de mundo, leitura de imagens; e o Ensino das Artes Visuais pode propiciar esse entendimento por meio de leituras interpretativas e críticas de imagens, através de formas, cores, simbolismos, mensagens inseridas, etc. De acordo com Santaella (2012, p. 14), “nada poderia ser mais plausível, e mesmo necessário, que a imagem adquirir na escola a importância cognitiva que merece nos processos de ensino e aprendizagem”.

Por isso é tão necessário garantir a todos o direito de alfabetizar-se, tanto através dos códigos linguísticos, quanto dos códigos visuais. Essa é uma condição essencial em nosso mundo para todos possuírem as mesmas condições de vida. Principalmente no mundo globalizado em que vivemos, onde somos bombardeados a todo o momento com imagens, notícias, publicidade. E nem sempre fazemos uma reflexão sobre isso.

Dessa forma, percebemos o quanto a leitura visual é pouco explorada nas escolas e necessária em nossas vidas, pois vivemos rodeados de imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos, etc. (BARBOSA, 1998). E essas imagens sempre trazem uma ideologia inserida, que se não for analisada com cautela, pode levar o apreciador ao consumismo exacerbado, modelando e uniformizando padrões sociais de comportamento. Dificultando assim a percepção de novos olhares. Segundo Barbosa:

A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo o tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens. (BARBOSA, 1998, p. 17).

A autora defende a necessidade da gramática e sintaxe para as crianças por se tratar de um público que está iniciando no campo da imagem, mas que pode se aplicar perfeitamente aos jovens e adultos, sendo condizente com o contexto da EJA, mas pertinente em qualquer nível de ensino, pois muitos não tiveram uma educação artístico-estética significativa, nem se iniciaram nesses estudos e, portanto, também necessitam ter a capacidade de lerem criticamente uma imagem e alfabetizarem-se visualmente. Destarte, possibilitando uma ampla leitura de mundo, para Freire (2013, p. 120), respeitar a leitura de mundo do educando “É a maneira correta que tem o educador de, *com* o educando e não *sobre* ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de inteligir o mundo.”

Para Santaella (2012, p. 13), “a alfabetização visual significa aprender a ler imagens, desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem, sem fugir para outros pensamentos que nada têm a ver com ela.” Enquanto que para Hernández (2007), o processo de alfabetismo visual crítico abrange para além dos elementos constituintes das imagens, sendo um desafio relevante, possibilitando leituras críticas de mundo; além de alterar e ampliar a percepção visual e reflexiva. Pontuando que:

Trata-se de enfrentar um desafio de maior importância: adquirir um “alfabetismo visual crítico” que permita aos aprendizes analisar, interpretar, avaliar e criar a partir da relação entre os saberes que circulam pelos “textos” orais, auditivos, visuais, escritos, corporais e, especialmente, pelos vinculados às imagens que saturam as representações tecnologizadas nas sociedades contemporâneas. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 24).

Vale observar que o contato com o Ensino das Artes Visuais promove não só o desenvolvimento artístico-estético do ser humano, mas o seu crescimento como indivíduo, enquanto ser social, possibilitando-lhe uma série de direitos, dentre eles um dos mais importantes: conquistar sua cidadania. E para a EJA, essa questão que remete à inclusão social constitui-se em fator determinante, torna-se essencial. Convém lembrar que o termo *inclusão* deve ser entendido na sua amplitude, conforme esclarece Sánchez (2005, p. 11):

A filosofia da inclusão defende uma educação eficaz para todos, sustentada em que as escolas, enquanto comunidades educativas, devem satisfazer as necessidades de todos os alunos, sejam quais forem as suas características pessoais, psicológicas ou sociais (com independência de ter ou não deficiência). [...] Trata-se de estabelecer os alicerces para que a escola possa educar com êxito a diversidade de seu alunado e colaborar com a erradicação da ampla desigualdade e injustiça social.

Percebe-se, dessa forma, que o componente curricular Arte/Artes Visuais, além de ser uma disciplina importante, pois forma cidadãos perceptivos, críticos e reflexivos, envolve e seduz os jovens e adultos que pouco ou nada tiveram contato com essa Arte, que passam a se interessar ainda mais pelos estudos das imagens e suas possíveis leituras. Além disso, Barbosa afirma que a arte opera com fatores mentais envolvidos na inteligência. Enfatizando que “existe o desafio de escolher uma forma para construir o que está na imaginação, comparar procedimentos e ver qual é o mais adequado, julgar o que se fez em relação ao que se pretendia fazer. Isso aguça a capacidade individual”. (BARBOSA, 2005, p. 2). Assim a Arte e seu ensino, são meios tangíveis de provocar mudanças nos seres humanos, conforme esclarece Carbonell (2010, p. 63):

Ao criar novos sentidos para sua existência, ao transformar seu olhar sobre o mundo, o indivíduo mobiliza seu corpo inteiro: razão e emoção, afetividade e cognição,

respondendo com todo o seu ser intelectual, sensível e sensual. Ao refletir sobre os significados criados, o sujeito desprende seu olhar sobre si mesmo e vê o ser humano em sua maravilha.

Compreendemos, a partir dessas referências, que uma pessoa que já adquiriu uma certa experiência estética, supõe-se que adquiriu também valores artístico-culturais e, conseqüentemente, está mais apta a decodificar imagens, textos e ideias em uma aula de Artes ou de qualquer outra disciplina, de acordo com o seu padrão e nível de entendimento estético. Ela, no decorrer das aulas de Artes Visuais, praticando os exercícios e disposta a apreender os diferentes significados das imagens, pode tornar-se mais criativa e não somente no sentido de fazer coisas novas ou ser original, mas no sentido mais amplo que o termo *criatividade* hoje adquiriu, como ter fluência, dar várias soluções para um mesmo problema e desenvolver a capacidade de, dada uma circunstância, reelaborar uma outra (BARBOSA, 1998). Além disso, ver e ler uma obra de arte pode ajudar a reelaborar conceitos, ideias e circunstâncias. Potencializando as capacidades criativas.

Sobre o ato de ver, Didi-Huberman (1998, p. 29) esclarece que toda imagem que vemos, também nos olha, enfatizando que “o que vemos só vale - só vive - em nossos olhos pelo que nos olha. Inelutável porém é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha. Seria preciso assim partir de novo desse paradoxo em que o ato de ver só se manifesta ao abrir-se em dois”. Assim, percebe-se que o interesse e as memórias do leitor de imagens são norteadores e estão imbricados nesse processo, podendo revelar aspectos para além do visível.

Em *A Imagem no Ensino da Arte*, Barbosa (1995) fala sobre a importância da utilização da imagem no ensino, ao afirmar que se os artistas também utilizam ou pelo menos têm acesso a obras de outros artistas, então por que os estudantes não podem ter contato com tais obras, seja por uma reprodução ou mesmo a obra em si, ao fornecer meios para a leitura de obras de arte se criam subsídios para leitura de imagens que cercam seu cotidiano, além de que a aprendizagem pode ocorrer com maior eficiência ao associar mais de um sentido. Ferrara (2007, p. 7) fundamenta nossa argumentação quando fala sobre a importância e percepção das imagens nas aulas, ressaltando que:

Toda representação é uma imagem, um simulacro do mundo a partir de um sistema de signos, ou seja, em última ou primeira instância, toda representação é gesto que codifica o universo, daí se infere que o objeto mais presente e, ao mesmo tempo, mais exigente de todo processo de comunicação é o próprio universo, o próprio real.

Isto é, na utilização de imagens durante as aulas, o próprio universo é o objeto principal de estudos, portanto nessa perspectiva pode despertar o interesse dos alunos em conhecer, decodificar e interpretar o mundo por meio das imagens, se constituindo em um dos modos

diferenciados e interessantes de leitura, representação e compreensão do mundo, associando forma e conteúdo para obter tais fins. Além disso, ao criar uma imagem, mais especificamente uma obra de arte:

[...], o autor produz uma forma acabada em si, desejando que a forma em questão seja compreendida e fruída tal como a produziu; todavia no ato de reação à teia dos estímulos e de compreensão de suas relações, cada fruidor traz uma situação existencial concreta, uma sensibilidade particularmente condicionada, uma determinada cultura, gestos, tendências, preconceitos pessoais, de modo que a compreensão da forma originária se verifica segundo uma determinada perspectiva individual. (ECO, 2005, p. 40).

Assim, o aluno leitor/fruidor da imagem/obra poderá guiar sua interpretação de acordo com suas vivências, interesses, experiências e bagagem cultural, percebendo também que não existe uma única mensagem acabada e definida nessas interpretações imagéticas, mas múltiplas e inúmeras, de acordo com a disponibilidade, individualidade, sensibilidade e conhecimentos prévios do intérprete no momento da leitura/fruição.

### **Experienciando imagens**

Nossos rios estão em constantes transformações, sejam em suas cores, como na pororoca, ou em suas fases, como nas enchentes e vazantes. Assim também os seres humanos passam por contínuas transformações. Os fluxos e refluxos (da vida e dos rios) se renovam e se ressignificam mostrando que o mundo sempre está em permanente mudança. Portanto são imprescindíveis os interstícios educativos que a leitura de imagens/obras pode trazer nesse íterim. Já que “imagens são uma forma poderosa de representação. Boa parte desse poder está em seu caráter interpretativo.” (EWEN apud FREEDMAN, 2010, p. 126).

Neste item, reflito sobre a potência das imagens/obras de arte como instrumento transformador e elemento interpretativo, criativo e cognitivo, por meio de leituras visuais – aqui ela será tratada como uma construção coletiva, individual e didática, com base em relações estabelecidas em sala de aula, pensando conjuntamente com a perspectiva do professor propositor e mediador; e do aluno leitor e produtor. Apresento assim a construção poética-artístico-didática Viagem na Imagem, uma maleta propositiva-indutora que tem como objetivo estimular professores e alunos a navegar pelos rios de imagens/obras.

Este material artístico-pedagógico nasceu das demandas de sala de aula e foi elaborado pensando na viabilidade de servir como indutor, em estado aberto, para leitura e interpretação de imagens e seus possíveis desdobramentos artístico-estéticos com alunos da EJA do ensino

médio. Pois acredito que ler imagens pode promover reflexões e prazeres, além de despertar a imaginação, criatividade e a curiosidade, podendo levá-los também a conhecer os museus onde estão seus originais. Promovendo assim uma viagem na e da imagem.

Esta maleta para viagens imagéticas contém nove pranchas em formato A-3 com reproduções de obras dos seguintes artistas: Antonieta Santos Feio (“A vendedora de Cheiro” e “A mendiga”), Benedito Calixto (“Os falquejadores”), Oscar Pereira da Silva (“Interior de cozinha”), Antonio Parreiras (“Conquista do Amazonas”), Armando Queiroz (“Ymá Nhandehetama”), Alexandre Sequeira (“Branca”), Éder Oliveira (“Intervenção urbana”) e Drika Chagas (“Antiga Cidade”). Além de vinte e sete cartões em formato 15 x 20 cm, três livretos para estudos e orientações do professor, um monóculo, um mini espelho, uma lupa, cinco vidrinhos com imagens e produtos para despertar questões que evoquem a ludicidade e outros sentidos com a imagem e dois resumos de Contos Amazônicos de Inglês de Souza.

A escolha dessas imagens/obras, dos temas e dos materiais vinculados à maleta levou em consideração um planejamento voltado às expectativas dos estudantes, à sua cultura e realidade, aos problemas enfrentados na comunidade escolar e especialmente às suas necessidades de aprendizagens. Posto que para Freedman (2010, p. 138):

Referências à arte no currículo vêm de uma série de lugares, de dentro e de fora da escola (não só da comunidade profissional da disciplina). Essas referências externas fragmentadas podem ser mais importantes para a compreensão que o aluno tem da matéria que currículos sequenciais escritos, com base na noção interna de lógica.

Vale lembrar que a ludicidade, o encantamento e a fabulação foram pensadas para entrar nessa proposição, a partir das diferentes relações que se pode fazer com os objetos que compõem a referida maleta, quais sejam: monóculos, vidrinhos com fitas coloridas e imagens com algum produto que remeta aos assuntos sugeridos, estabelecendo diálogos. No vidrinho com a obra *A vendedora de cheiro*, pus um maço de raiz de patchouli; no quadro *Os falquejadores*, um pedacinho de graveto e uma folha artificial; na tela *Interior de cozinha*, um pedaço de barbante e de carvão. Estes materiais foram postos nos respectivos vidrinhos para despertar a imaginação e a reflexão e evocar novas imagens, entre outras proposições as quais apresento com sugestões de utilização no *Material de Apoio ao Professor*.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Este material de apoio se configura em três livretos de acordo com as temáticas propostas e é parte integrante da maleta. Contém ainda: textos com resumos de Contos Amazônicos de Inglês de Souza por remeter a imagens mentais e promover um profícuo diálogo entre imagens e palavras; pranchas com reproduções de obras de arte dos museus e outros espaços de Belém, cartões com imagens, uma lupa e um mini espelho para instigar reflexões entre o ver e o olhar. Todo esse conteúdo pode ser usado sempre com a premissa de evocar e produzir outras e novas imagens.

Minhas experiências transcorridas em sala de aula ao longo dos anos, me fez identificar as necessidades e expectativas dos estudantes e me permitiu sintetizá-las nos conteúdos da maleta. Necessidades essas que ora remetiam aos seus históricos pessoais e sociais de caminhos e descobertas, e ora remetiam aos conflitos interpessoais e subjetivos. Quer sejam relacionados ao mundo do trabalho e emprego, quer a valorização pessoal e profissional. No entanto, sempre orientados pela educação e mediação artística e estética.

Outros parâmetros utilizados para a escolha das temáticas e seleção das obras que foram trabalhadas em sala de aula, estão relacionados com meu planejamento anual, se coadunando com o que pressupõe os PCN Arte e a Legislação da EJA, dialogando com os temas transversais e com os eixos cognitivos do ENEM, já que se trata de educação básica para o ensino médio.

Ainda sobre a seleção das temáticas, o que também nos motivou a escolher os três temas – Trabalho e Cidadania (Pintando Metamorfoses), Relações Étnico-Raciais (Por um lápis de cor “das peles”) e Patrimônio e Memória (Re-visitando e Preservando Identidades) – está relacionado às vivências na educação básica e, sobretudo às próprias demandas escolares observadas na educação de jovens e adultos e às relações que venho mantendo e envolvendo essas questões. Situações recorrentes e por vezes instigantes em diversas turmas da EJA do ensino médio e já há alguns anos, que remetem ora aos desejos e interesses dos alunos em conquistar o tão sonhado primeiro emprego, manter ou trocar de ofício e ingressar em uma universidade através da progressão nos estudos (no caso o tema Trabalho e Cidadania). Ora a circunstâncias que expõem preconceitos e discriminações das mais variadas formas, especialmente relacionadas à cor da pele, raça ou etnia, algumas vezes veladas e ingênuas, em outras explícitas e estereotipadas. Daí a premência de uma educação para as Relações Étnico-Raciais.

Já a questão do Patrimônio e Memória veio da necessidade de pensar a preservação do patrimônio público e privado, tais como: a nossa escola, o nosso bairro, a minha casa, o meu corpo (aqui entendido como meu primeiro patrimônio), a minha identidade, etc. Visto que alguns estudantes depredam a escola, não a percebendo como espaço público e de convivência, e outros não cuidam adequadamente de seus corpos em questões relacionadas com a higiene, com a alimentação, com o uso de drogas, com a gravidez, etc.

Por questões de administração de tempo, nas primeiras atividades de leitura e interpretação das imagens/obras da maleta, utilizei somente as pranchas com o tema Trabalho e Cidadania (Pintando Metamorfoses), porém não mencionei aos alunos os nomes das obras, nem seus autores ou temáticas propostas nesse primeiro momento, pois objetivava que suas

percepções estivessem aguçadas e os conduzissem a esse ou a outros temas, e assim pudessem expressar suas ideias e opiniões livremente. Então foi pedido aos alunos que olhassem atentamente para as imagens, sem pressa e com cautela, observando todos os detalhes apresentados. E depois de um tempo para esta operação, registrassem suas impressões e percepções espontaneamente.

Em seguida, os alunos anotaram em uma folha de papel suas compreensões, com base em três perguntas-roteiro<sup>8</sup> para organizar o pensar-sentir, quais sejam: o que eu vejo? O que eu penso/sinto? E o que eu sei? Não se tratava de receita pronta ou algo fixo e enrijecido, as perguntas-roteiro foram propostas para instigar o olhar e o sentir, e em virtude de dificuldades que alguns estudantes apresentaram para realizar essa atividade. No entanto, levou-se em consideração primordialmente as experiências e conhecimentos acumulados dos alunos. Observando a fala e os gestos expressados por essas pessoas que estavam construindo significados diante da leitura de imagens/obras repletas de conteúdo. Socializamos as respostas, buscando direcionar e estimular o uso da argumentação e as diferentes percepções.

Afinal, os elementos da experiência que geram conhecimentos estão no cotidiano, não à toa os artistas buscam inspiração em situações cotidianas e em suas próprias vivências, valorizando também a questão intuitiva, estimulando a imaginação e se valendo daquilo já acumulado. Conforme esclarece Mills (2009, p. 23):

Você deve ter notado muitas vezes com que cuidado pensadores bem-sucedidos tratam suas próprias mentes, com que atenção observam seu próprio desenvolvimento e organizam sua experiência. A razão porque valorizam suas menores experiências é que, no curso de uma vida, o homem moderno tem tão pouca experiência pessoal, e não obstante a experiência é tão importante como fonte de trabalho intelectual original. Ser capaz de confiar na própria experiência, sendo ao mesmo tempo cético em relação a ela é, acredito, uma marca do trabalhador maduro.

Assim, esse artesanato intelectual que molda a si próprio pode ser comparado ao artista ou o estudante da EJA, que podem buscar nas suas menores experiências, sejam elas artísticas ou não, caminhos para desenvolver habilidades específicas. Para as leituras das imagens da temática Trabalho e Cidadania, com as reproduções das obras “Interior de cozinha” de Oscar Pereira da Silva, “Os falquejadores” de Benedito Calixto e “A vendedora de cheiro” de Antonieta Santos Feio, as quais as apresento a seguir e transcrevo algumas dessas leituras que demonstram as relações estabelecidas com base nas experiências pessoais desses estudantes, desvelo alcançar a perspectiva de estabelecer conexões afetivas e cognitivas.

---

<sup>8</sup> A noção de perguntas-roteiro faz referência ao termo Perguntas-Passaporte de Sonia Rangel utilizado como indutor do processo criativo. Conforme enuncia “São perguntas-passaporte que me levam a sondar os pensamentos da imagem e as imagens do pensamento em novas obras.” (RANGEL, 2009, p. 127).



Vale ressaltar que Bondía, depois de analisar com acuidade os diferentes significados para o termo experiência nas diferentes nacionalidades e culturas, chega à conclusão de que:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (BONDÍA, 2002, p. 21).

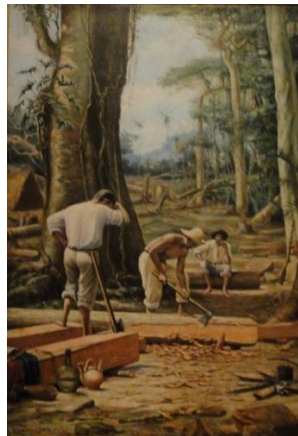
Se coadunando com o que observa Mills (2009), sobre as poucas e raras experiências que o homem moderno vem tendo, tornando-se algo decrescente. Deixando claro também que informação não é experiência, informações nós temos variadas e infinitas, porém experiências singulares, conforme elucida Dewey (2010), requerem um fluxo e refluxo de exploração e interação em conjunto com a natureza, uma interação significativa entre o meio/agente e a natureza ocorrendo transformações.

Eis as imagens/obras que compõem o tema Trabalho e Cidadania (Pintando Metamorfoses) da maleta Viagem na Imagem, utilizadas no primeiro momento, objetivando desvelar experiências e percepções diversas, sem cerceamentos, através de suas leituras:



**Figura 1:** Obra “Interior de cozinha” (óleo sobre tela, 1907), de Oscar Pereira da Silva.

Fonte: Acervo do Museu do Estado do Pará.



**Figura 2:** Obra “Os falquejadores” (óleo sobre tela, 1904), de Benedito Calixto.

Fonte: Acervo do Museu do Estado do Pará.



**Figura 3:** Obra “A vendedora de cheiro” (óleo sobre tela, 1905), de Antonieta Santos Feio.

Fonte: Acervo do Museu de Arte de Belém.

Leitura interpretativa do aluno **Leonardo Santos, 22 anos**. Imagem/obra: Interior de cozinha de Oscar Pereira da Silva:

*Eu vejo uma mulher sentada na frente de um fogão a lenha, parece feito de barro, a mulher está colocando lenha no fogo. Ela está observando com atenção a panela e tem um semblante feliz. Em cima de suas pernas tem uma cesta com algumas coisas dentro. Penso que*

*ela está muito confortável e alegre com o que está fazendo por ser uma coisa muito normal do cotidiano da mulher. Sinto alegria em ver essa imagem. Não sei muito sobre essa mulher, mas deve ser de décadas atrás por causa das suas roupas e do fogão a lenha.*

Essa leitura, aparentemente superficial e ingênua do aluno Leonardo nesse primeiro momento, foi o mote para desdobramentos e enfrentamento das situações de violação dos direitos fundamentais do ser humano. A partir da fala “*penso que ela está muito confortável e alegre com o que está fazendo por ser uma coisa muito normal do cotidiano da mulher*”, pôde-se discutir questões de gênero, relações sociais de trabalho e cidadania com o grupo. Onde se questionou: trabalho doméstico é uma exclusividade do sexo feminino? Atividades domésticas são menores que outras atividades? Qual o papel da mulher na sociedade atual?

Dentre as respostas que surgiram podemos destacar a do próprio Leonardo que relatou: “*Sei que o trabalho doméstico não deve ser feito só pelas mulheres, mas são elas que mais fazem. Na minha casa, por exemplo, eu e meu irmão ajudamos nas tarefas, mas só quando estamos em casa, a gente trabalha fora. Na maioria das vezes é a vovó e a minha irmã que fazem.*” Portanto, leituras visuais com uma perspectiva interpretativa para além do visível, possibilitam entrar em discussões de cunho sociológico e desconstruir estereótipos e preconceitos vigentes.

Em outro momento foi enfatizado as sensações que as imagens/obras podem transmitir por meio da junção de seus elementos constitutivos, como a alegria e o prazer expressados pelo semblante sereno e pelo sorriso quase contido da personagem da obra em questão; descritos pelos alunos, além do destaque para a luminosidade produzida pelo fogão a lenha e pelas cores terrosas, que segundo os estudantes do grupo, davam um aspecto de um ambiente acolhedor e caloroso. Isso pode ser observado na percepção da aluna **Ana Rita Pinheiro, 38 anos:**

*Uma senhora sentada perto de um fogão à lenha que me traz lembranças muito fortes, pois lembro do interior onde nasci e cresci e da minha casa. O fogão à lenha era muito utilizado. Essa senhora está tão envolvida no que ela está fazendo que prende nossa atenção. Penso que são coisas boas que não devem acabar com o passar do tempo, acho que são importantes e sinto saudades. Fazer comida em panela de barro é uma coisa que deveríamos experimentar, é muito bom e a comida fica saborosa. São lembranças boas, minha mãe tem um fogão à lenha no interior em que vive e faz ótimos pratos de comida. Me sinto dentro desse lugar aconchegante, é como se ela estivesse nos convidando para o almoço, é tão agradável de olhar e essa luz que toma conta da cozinha nos aquece a alma.*

Portanto, um enfoque voltado aos aspectos formais, interpretativos e às qualidades visuais da imagem em conformidade com as visões de mundo do leitor e com suas experiências transcorridas, podem reverberar em novas e significativas experiências cognitivas e estéticas.

Observou-se com isso que a maioria dos alunos conseguiu entrar em algumas dimensões da proposta temática, ainda que, em certa medida, com alguma ingenuidade de início, todavia com reconhecimentos de sua relevância interpretativa e formalista, especialmente às questões relacionadas às suas vivências e experiências. Visto que de acordo com Dewey (2010, p. 162), “cada um de nós assimila dentro de si algo dos valores e significados contidos em experiências anteriores.” Na imagem/obra “Interior de cozinha”, as proposições tinham como conteúdos que podiam ser explorados: Estudo de questões de gênero, estabelecimento de relações entre a divisão social do trabalho, reflexões sobre a ênfase dada ao trabalho manual no passado (e nos dias atuais se perdeu essa habilidade manual?), busca de compreensão e iniciativas de ruptura do preconceito da própria mulher do trabalho manual como trabalho menor, etc.

Já na imagem/obra “Os falquejadores” podiam ser observados: Comparação entre a questão do trabalhador livre, assalariado e o preso ao campo (análogo a escravidão), discussão sobre meio ambiente (desmatamento e preservação ambiental), reflexão sobre a natureza como fonte primária dos recursos, interpretação das relações sociais, etc. E interfaces entre o trabalho comercial, autônomo e o camelô (vendedor ambulante), estabelecimento de relações entre a economia formal e a informal, consequências, discussões sobre a falta de oportunidades no mercado de trabalho, ausência de políticas públicas, investigação sobre o preconceito contra a mulher, negra, pobre, etc. podiam ser destacados na imagem/obra “A vendedora de cheiro.”

Em outro momento, foi feita a explanação da temática explorada enfatizando o trabalho e a cidadania presentes na discussão interpretativa das imagens, e a revelação dos títulos e dos autores das obras apresentadas, além de narrar a vida e obra desses artistas envolvidos através da História da Arte, destacando o contexto histórico e sociocultural de construção dessas obras. Por meio de projeções em *data show*, sugerindo e possibilitando assim, o reforço da aprendizagem com as imagens/obras lidas e analisadas.

Durante este novo momento de leitura e interpretação de imagens, busquei fazer com que os alunos percebessem agora, os elementos compositivos em seu contexto e tentassem enxergar, através da imaginação, para além do suporte e dos elementos visuais, tentando descobrir as mudanças que podem ocorrer na estrutura de uma imagem durante o processo de criação. Ou seja, os elementos visuais que estruturam as imagens, como ponto, linha, forma, cor, volume, textura, etc., foram apresentados didaticamente sendo vistos/percebidos a princípio separada e isoladamente e depois no todo da imagem, em conjunto na obra. No

entanto, partiu-se da premissa que essas imagens além de seus elementos constituintes, comunicam e transmitem ideias e sentimentos. Tentando, dessa forma, estabelecer nesses exercícios, uma educação e sensibilização do olhar.

Por fim, foi realizada a produção de novas imagens, a partir da interpretação das imagens/obras lidas e analisadas, que permitiu aos alunos a experimentação artística e a criação de representações outras. Algumas dessas produções tiveram seu formato bidimensional, com fotos, desenhos e pinturas; outras em tridimensional, com esculturas e objetos. No entanto todas partiram das imagens lidas e interpretadas dentro de um dos temas propostos.

Deste modo, percebi que ocorreram transformações nesses olhares. As diferentes reações e o modo como os alunos se aproximaram das imagens/obras foram analisados para além do visível. E apesar de muitos desses estudantes apresentarem certa resistência em demonstrar o que estão sentindo, talvez por insegurança ou timidez; conseguiram expressar sensações de curiosidade, inquietação, espanto, surpresa e ao mesmo tempo grande interesse em participar das ações até sua finalização; ratificando o que enuncia Dewey (2010, p. 148-149):

Não há expressão sem agitação, sem turbulência. Contudo, uma agitação interna que é prontamente descarregada em uma risada ou em um grito se extingue ao ser enunciada. Descarregar é livrar-se de algo, descartá-lo; expressar é ficar com a turbulência, levá-la adiante em seu desenvolvimento, elaborá-la até sua conclusão.

O momento de encontro e reunião com os alunos é um momento muito esperado e de integração, muitos desses estudantes da EJA ficam aguardando ansiosamente pelo acontecimento das aulas de Artes, chegando inclusive a irem me buscar na sala dos professores antes mesmo de iniciar o horário efetivamente, tamanho é o desejo de navegarem e viajarem nas imagens. Por questões óbvias e talvez pelo fato de estudarem no turno da noite, necessitam e esperam uma aula mais dinâmica, estimulante e que contemple os objetivos de aprendizagens, se tornando assim em um ápice de descobertas, expressões, construções, desconstruções e reconstruções cognitivas, afetivas e socioculturais, além de ser um momento fértil e oportuno de trocas de experiências entre todos.

As circunstâncias e contextos que caracterizam o início dessas aulas se assemelham à espera que nutria por meu pai, quando criança, por seu retorno de um labor distante, imaginando com afeto o que viria junto, quais viagens, imagens e descobertas faríamos. O anseio (ou desejo) que meus alunos sentem aguardando minhas aulas é analogicamente equivalente à expectativa que eu criava enquanto esperava o regresso de meu pai. Penso que o momento das aulas de

Artes é um momento animado, de reencontro, de criação, de projeções, de surpresas, de experiências; onde os alunos podem e devem interagir.

Durante as aulas, os estudantes demonstraram e perceberam ainda que não existe uma única leitura quando se trata de imagens/obras, mas múltiplas e inúmeras, e que suas percepções já não eram mais as mesmas para as imagens que ali estavam se apresentando e os instigando a produzir sentidos e a conceber novas imagens. Isto é, geraram, experimentaram e expressaram diversificados conhecimentos e sensações.

Por conseguinte, penso que quaisquer que sejam os objetivos almejados da disciplina Arte/Artes Visuais, os conteúdos devem ser trabalhados com seriedade, empenho e dedicação, promovendo a participação e interação da turma com as atividades propostas e a integração dos diversos aspectos sociais, culturais e artístico-estéticos que compõem e fundamentam a linguagem das Artes Visuais. Para se obter a desejada formação integral dos alunos, acredito que o componente curricular Arte, sempre que possível, deve estar concatenado também com a formação profissional dos estudantes da EJA, especialmente no nível médio.

Eis as imagens/obras componentes do tema Relações Étnico-Raciais (Por um lápis de cor “das peles”) e do tema Patrimônio e Memória (Re-visitando e Preservando Identidades) que foram aplicadas em momentos posteriores. Sem esgotar, evidentemente, suas potencialidades:



**Figura 4:** Obra “Conquista do Amazonas” (Óleo sobre tela, 1907), de Antonio Parreiras.  
Fonte: Acervo do Museu do Estado do Pará.



**Figura 5:** Frame do “Vídeo do indígena Guarani Almiros Martins de Armando Queiroz - “Ymá Nhandehetama = antigamente fomos muitos”. Disponível em: Youtube.com.



**Figura 6:** Obra “A mendiga”, (Óleo sobre tela, 19...), de Antonieta Santos Feio.  
Fonte: Acervo do Museu de Arte de Belém.



**Figura 7:** Obra “Branca”, fotografia de Alexandre Sequeira do projeto Nazaré do Mocajuba. Fonte: Acervo do Artista.



**Figura 8:** Obra “Intervenção urbana”, de Éder Oliveira, Localização: Bairro da Marambaia em Belém.



**Figura 9:** Obra “Grafite-Arte Urbana”, de Drika Chagas da Exposição “Antiga Cidade”. Localização: Bairro da Cidade Velha em Belém.

Nessas leituras, para o tema Relações Étnico-Raciais foram explorados as seguintes temáticas: questão da atualidade do indígena e do negro, colonização, contribuições dos dois lados (europeu e nativo), religião, mestiçagem, ação política, cultura, como eles se veem hoje, arte, contribuições indígenas, cestaria, indumentárias, plumaria, alimentação, culinária, contribuições africanas e afro-brasileiras, capoeira, religião, inclusão e exclusão sociais, discriminação, preconceito, racismo, costumes, hábitos, identidades e diversidades

Já para o tema Patrimônio e Memória foram observados os seguintes conteúdos: questão de identidades e memórias, alteridade, histórias, afetos, imagem de si mesmos, experiências, encontros, símbolos, visibilidade e invisibilidade, realidades, memória afetiva e social, marginalização, revitalização, conflitos socioculturais, patrimônio material e imaterial, crenças, religião, sincretismos, costumes e tradições.

Esta pesquisa revelou valores de subjetividades, de história de vida e da necessária proximidade física e afetiva com as experiências produzidas, consumadas ou a consumir das pessoas imbricadas no processo de construção e atribuição de sentidos entre os leitores e produtores de imagens dessa viagem. Metaforicamente, o ato de viajar e a viagem em si pedem essa proximidade, solicitam essa aproximação com as diversas experiências e percepções de cada um; para assim transformar as experiências anteriores e atuais em uma consciente e consistente existência expressiva e autônoma. As discussões apresentadas e as reflexões realizadas, especialmente as vinculadas às temáticas da maleta, têm um cunho universal, todos precisamos discutir esses temas, pois possui amplitude social. A partir dessas reflexões e análises levantadas e disseminadas é possível atingir qualquer público, de qualquer nível de ensino. Além disso, as propostas apontadas geram uma multiplicidade de proposições outras. Elas se multiplicam em outras imagens com potencial de despertar outros sentidos.

## **Reflexões pós-leituras**

O ensino de Artes Visuais, através da leitura de imagens, consegue abranger de maneira satisfatória, inúmeros e diversificados temas, provocando desdobramentos e despertando o interesse dos alunos para a cultura visual, promovendo também o diálogo, a reflexão e os debates sobre questões de variadas naturezas contemporâneas ou não, podendo convergir, especialmente para produção de novas imagens. Logo, existe a necessidade real e pontual de tratar de questões ligadas às imagens dentro e fora dos muros da escola, tentando contemplar os interesses dos alunos, romper com o silêncio e a apatia que algumas pessoas manifestam sobre as imagens, com a passividade e alienação que por conta dos excessos imagéticos provocam. Pretendendo, sobretudo, dar voz e vez aos sujeitos excluídos histórica, cultural e socialmente em nosso país e valorizar a imagem como objeto privilegiado de estudo, unindo a arte às mais variadas formas de conhecimento e leituras de mundo.

Para este trabalho com leitura de imagens/obras, embora com direcionamentos por meio dos indicativos do material de apoio da maleta Viagem na Imagem, o disparo final foi aleatório. Em outros contextos, não se pode precisar o que gerará, porque este material não é estanque, ele pode e deve ser potencializado a partir das elucubrações e idiosincrasias dos envolvidos (professores e alunos) no processo ensino/aprendizagem. A única convicção é que todo esse processo pode convergir para práticas artísticas e cognitivas significativas, com suas derivadas produções, explorando a imaginação e a subjetividade de cada uma das pessoas envolvidas, gerando novas imagens e novos saberes. A maleta a qual intitulei Viagem na Imagem por se assemelhar a um equipamento de viagem cognitivo e visual, com seus conteúdos necessários para adentrar no universo da cultura visual, tem como uma das finalidades, despertar e aguçar o olhar, o sentir e o pensar, dos que a utilizarem, para a questão da visualidade.

Em suma, é importante que entre os sujeitos da EJA no processo de ensino/aprendizagem das Artes Visuais com ênfase para leitura e interpretação de imagens, se considere os aspectos formais e especialmente os interpretativos, se ultrapasse as leituras mais ingênuas com o intento de possibilitar um desenvolvimento estético e cognitivo que transcenda as interpretações superficiais e que oportunize a valorização dos saberes engendrados nos contextos socioculturais dos envolvidos. Interpretando-as simbolicamente para além do tema representado, com um pensamento mais complexo que denote sobretudo as diferentes e divergentes visões e percepções de mundo.

Pois acredito que é possível analisar crítica e imaginativamente diferentes tipos e contextos imagéticos, despertando a imaginação e a criatividade. Haja vista que a imagem no âmbito escolar do Ensino de Artes Visuais possui uma capacidade transformadora incrível que se concretiza por meio do fazer artístico, da fruição estética e da contextualização histórica e cotidiana, possibilitando ao educando enredado uma leitura criteriosa e uma atuação e interação mais significativa e coerente com as realidades do mundo.

Desta maneira, destaco as falas dos seguintes alunos que ultrapassaram o senso comum para o contexto de leitura de imagens no Ensino de Artes Visuais: *“Eu entendi que uma imagem pode nos fazer pensar e expressar sentimentos e também que as imagens mostram muitas coisas que eu não entendia quando olhava rápido. Agora já posso dizer que sei um pouco mais de arte através das imagens.”* (**Rômulo Pereira**); *“No mundo da arte a percepção que temos nem sempre se aplica ao material feito por diversos artistas, na realidade a arte vai além do que pensamos.”* (**Ana Caroline da Silva**); *“O mundo artístico pode se tornar verdadeiramente perceptível quando somos sensibilizados e quando entendemos o conteúdo apresentado. A arte vai além do nosso pensar e perceber.”* (**Vitória Ferreira**).

Não existe interpretação apartada do mundo e da realidade a qual se vive. Para Maturana (2002), realidade é sempre um produto de coautoria, isto é, precisamos de interações socioculturais para produzir realidades, para este autor e seus conceitos de *autopoiese e biologia do conhecer*, as realidades são construídas, transformadas e contaminadas por outras realidades, são realidades coexistentes. Demonstrando, dessa forma a necessidade das interações sociais para construção de novas realidades e conhecimentos, apesar das transformações já estarem segundo ele nos seres humanos, sendo inerentes a condição humana, e nas relações que se mantêm com o meio, através de condições sistêmicas da vida.

Levando em conta as experiências particulares e coletivas, as realidades vividas, os saberes acumulados, novas e outras formas de compreender e ler o mundo por meio de imagens/obras e da cultura visual, com suas aplicabilidades; os adultos e jovens da EJA vão sendo despertados a viajar no mundo visual com as experiências e saberes que lhes concernem. Afinal, o ver em sentido amplo é uma combinação física, química e neurológica, nesse processo todo o corpo reage a estímulos visuais quando encorajado e os outros sentidos são ativados. Mas no final tudo é abstração, daí a premência e o desafio do uso da imaginação como uma dimensão humana que deve ser trabalhada essencialmente em todos os contextos educativos para garantir a concretização da aprendizagem. Pois para que serve afinal a imaginação e a polissemia das imagens no contexto da educação na cultura visual, senão para produzir novas ou consumir antigas experiências? E assim poderão promover variadas transformações. Haja



vista que “Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.” (BONDÍA, 2002, p. 26), e a arte pode proporcionar experiências singulares e transformadoras por ser ela a mais intensa das experiências.

O método utilizado de leitura, interpretação e produção de imagens com base nas temáticas expressas na maleta possibilitou, entre outros acontecimentos, com que os estudantes da EJA revelassem o potencial artístico que muitos deles não imaginavam que possuíam. Além de fortalecer e aumentar a autoestima promovendo autonomia, através da produção e exposição dos resultados práticos para toda a comunidade escolar. Destaco aqui algumas dessas produções e exposições: em novembro de 2015, uma atraente e reflexiva exposição com bonecos de papelão em tamanho natural, pintura, retalhos de tecidos e materiais alternativos foi criada pelos alunos com a temática “Relações Étnico-Raciais”, fazendo alusão ao mês da consciência negra, na qual os estudantes puderam refletir e expressar seus pontos de vistas se identificando (reconhecendo) pertencentes ou não a determinadas etnias. E em janeiro de 2016, um instigante varal fotográfico foi produzido com as câmeras dos aparelhos celulares e exposto no Hall da escola por meio da temática “Patrimônio e Memória”, fazendo referência aos 400 anos da cidade de Belém, destacando aspectos de preservação e degradação patrimonial:



**Figuras 10 e 11:** Exposição de trabalhos em técnica mista dos alunos da EJA com base na temática Relações Étnico-Raciais, feita no Hall da Escola Estadual Dr. Justo Chermont em novembro de 2015. Fonte: Acervo do autor.



**Figuras 12 e 13:** Exposição fotográfica com câmeras de celulares dos alunos da EJA com base na temática Patrimônio e Memória, feita no Hall da Escola Estadual Dr. Justo Chermont em janeiro de 2016. Fonte: Acervo do autor.

Portanto, a metodologia utilizada com a maleta Viagem na Imagem funcionou e alcançou os objetivos esperados, ficando evidenciado, especialmente na produção dos alunos, que as experiências trazidas e produzidas com a leitura das imagens/obras foram imprescindíveis para o alcance dos objetivos propostos. Mostrando, dessa forma, até onde a maleta pôde chegar com seus desdobramentos, sem, no entanto, esgotar seu potencial que é múltiplo e ilimitado no que tange às interpretações e proposições. Dessa maneira, o professor que se propuser a utilizar a maleta/método, terá inúmeras vantagens no processo ensino/aprendizagem, pois poderá associar seus conteúdos aos temas apontados.

É importante enfatizar e reiterar que através da leitura interpretativa, crítica e sistematizada de obras de arte ou de outras imagens, sejam elas em pranchas (reproduções fotográficas), projeções em *data show* ou obras originais, pode-se, de fato, promover um processo de análise e reconstrução visual, perceptiva, afetiva e cognitiva. Foi o que ocorreu com a utilização da solução didático-metodológica com valor artístico e estético, que é a maleta. Os olhares e percepções dos alunos foram provocados, foram propostos novos olhares num tempo em que o olhar está tão apressado, corriqueiro e banalizado; e o ver desprovido de reflexões, olhar e ver nesse caso são antônimos. Refletir sobre essas questões foi fundamental.

Em síntese, este trabalho me proporcionou como profissional, como artista e como pesquisador-educador, um olhar mais apurado e crítico sobre a docência na área de Artes, sobre as relações afetivas e intersubjetivas com meus alunos e sobre as questões voltadas à visualidade e às experiências transcorridas, consumadas e a consumir. Vejo com ponderação, resiliência e alteridade que essa pesquisa é uma atitude política e insubordinada, isto porque enfrentar um Sistema que por vezes se mantém inalterado e monótono, e propor uma metodologia nova por meio de um material exclusivo com potencial artístico-estético, que promova a reflexão e ajude o aluno a perceber mais sensivelmente o mundo que o cerca; creio eu, é um posicionamento de resistência, desejoso de transformação social e papel precípuo de qualquer pesquisador-educador. Vale lembrar que nos processos de produção do conhecimento do professor e dos alunos e nas experiências trocadas em classe com utilização de imagens, é necessário disponibilizar diferentes modelos e metodologias com leituras de imagens baseadas em experimentações e vivências, possibilitando ampliar o repertório didático, artístico e estético (BUORO, 2003).

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no ensino da Arte – Anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **Arte/Educação Contemporânea – Consonâncias Internacionais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Arte-educação não é espetáculo**. São Paulo-SP. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/sinapse/>>. Acesso em: 04 set. 2005.
- \_\_\_\_\_. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- \_\_\_\_\_; CUNHA, Fernanda Pereira da (Orgs.) **Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas Sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de educação**, nº 19, Unicamp, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Parecer CEB nº 11/2000, Brasília: MEC/CNE/CEB, 2000.
- BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte**. São Paulo: Educ/Fapesp/Cortez, 2003.
- CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARBONELL, Sonia. **Educação estética para jovens e adultos: a beleza no ensinar e no aprender**. São Paulo: Cortez, 2010.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998.
- ECO, Umberto. **Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- FERRARA, Lucrécia D’Aléssio. **Leitura Sem Palavras**. Série Princípios, 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- FREEDMAN, Kerry. Currículo dentro e fora da escola: representações da Arte na cultura visual. Tradução de Maya Orsi. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte/Educação Contemporânea – Consonâncias Internacionais**. São Paulo: Cortez, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional.** Tradução de Ana Duarte. Porto Alegre: Mediação, 2007.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem.** Lisboa: Ed. 70, 2007.

LAMPERT, Jocielle. Deambulações sobre a contemporaneidade e o ensino das artes visuais e da cultura visual. In: BARBOSA, Ana Mae. CUNHA, Fernanda Pereira da (Org.). **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais.** São Paulo: Cortez, 2010.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação.** 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

MATURANA, Humberto. **Emoção e linguagem na educação e na política.** Tradução de José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

OSTROWER, Fayga Perla. **Universos da Arte.** Rio de Janeiro: Campus, 1991.

POKLADÉKL, Danuta D. **Intituto PsicoEthos.** São Paulo. 2015, p. 1. Disponível em: <<http://www.p psicoethos.com.br/si/site/0402/p/O%20que%20%C3%A9%20Fenomenologia>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

RANGEL, Sonia Lucia. **Olho desarmado – objeto poético e trajeto criativo.** Salvador: Solisluna Design Editora, 2009.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: processo de criação artística.** São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.

\_\_\_\_\_. **Redes da criação: construção da obra de arte.** São Paulo: Ed. Horizonte, 2006.

SANCHÉZ, Pilar Arnaiz. A Educação Inclusiva: um meio de construir escolas para todos no século XXI. **Inclusão:** Revista de Educação Especial. v. 1, n. 1, Out. 2005. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de Imagens (Como Ensino).** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.